

DISCURSO SOBRE O FILHO- DA-PUTA

AUTOR: ALBERTO PIMENTA

DIRECÇÃO: FERNANDO MORA RAMOS [ENCENAÇÃO]

E MIGUEL AZGUIME [COMPOSIÇÃO MUSICAL]

QUARTETO DE CORDAS VOCAIS: CIBELE MAÇÃS,
FÁBIO COSTA, MARTA TAVEIRA E NUNO MACHADO

GALERIA DE RETRATOS DO FDP: JOSÉ SERRÃO

ESTÁTUA DO FDP: MARIANA SAMPAIO



INFORMAÇÕES E RESERVAS

262 823 302

966 186 871

www.teatrodarainha.pt

comunicacao@teatrodarainha.pt

TEATRO DA
RAINHA 
35 ANOS


CALDAS DA RAINHA
Câmara Municipal


REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA
dgARTES
DIRECÇÃO GERAL
DAS ARTES



“EU QUERO SER CREMADO, MAS GOSTAVA QUE O FÓSFORO FOSSE ACESO POR UMA GATA-PINGADA. DECLARO-O COMO MINHA ÚLTIMA VONTADE.”

«Falar de mim no passado tem algo de incógnita e é transformado pelas experiências do presente», disse Alberto Pimenta em entrevista a António Pocinho (revista LER, Verão de 1999). Tentar reconstituir o seu percurso não é tarefa fácil, se tivermos em conta a riqueza e multidisciplinaridade de uma vastíssima produção. Ainda assim, arriscamos alguns dados relevantes.

Natural do Porto, onde nasceu a 26 de Dezembro de 1937, Alberto Pimenta disse um dia guardar da infância a memória do racionamento e das sirenes de alarme durante o período da II Grande Guerra. Filho de pai militar, colocado então nos Açores, saiu da cidade invicta em 1952, com 15 anos, para estudar em Coimbra. Licenciou-se em Filologia Germânica na Universidade dessa cidade.

Em 1960 foi contratado pelo governo português como Leitor em Heidelberg. Data dos anos iniciais na Alemanha a produção dos primeiros trabalhos visuais, nomeadamente colagens. Apesar de, contra sua vontade, surgir frequentemente associado ao grupo da chamada poesia experimental, cuja publicação dos primeiros cadernos data de 1964, Pimenta não integrou, por razões biográficas, este movimento vanguardista português. Encontrava-se na Alemanha, onde enraizou o seu interesse por manifestações artísticas tais como o happening e a performance.

Em 1963, a sua oposição à política colonialista portuguesa levou a que fosse demitido do cargo que ocupava em Heidelberg. No entanto, a própria Universidade alemã acabou por contratá-lo. Permaneceu por terras germânicas entre 1960 e 1977: «A Alemanha deu-me uma outra língua, com um outro modo de organizar um mundo em volta, e deu-me uma perspectiva a partir de um centro — o centro da Europa.»

Publicou o primeiro livro em 1970, com o título “O labirintodonte”. Influenciado pela poesia concreta alemã, Pimenta referiu-se aos seus poemas iniciais enquanto manifesto de salvação possível do indivíduo num meio colectivo. João Gaspar Simões comentou o livro de estreia, no Diário de Notícias, sublinhando um arsenal lúdico cultivado outrora “pelos nossos poetas seiscentistas”. No mesmo artigo menciona-se que esse mesmo arsenal foi utilizado para dizer puras verdades a brincar, o que, em certo sentido, será característica essencial em praticamente todo o trabalho subsequente do autor em causa.

Antes de regressar a Portugal, em 1977, Pimenta publicou outros livros de poesia: “Os entes e os contraentes” (1971) e “Corpos estranhos” (1973), marcando também presença na “Antologia da Poesia Concreta em Portugal” (1973). O ano do regresso foi assinalado com uma intensa actividade em diversos domínios. Publicou o volume de poemas “Ascensão de dez gostos à boca”, o ensaio “O último sortilégio”, assim como o registo do famigerado happening “Homo Sapiens”.

Cúmplice privilegiado deste espectáculo performativo, o escritor Almeida Faria foi anotando observações dos mirões que, no dia 31 de Julho de 1977, deram com Alberto Pimenta fechado numa jaula do Palácio dos Chimpanzés do Jardim Zoológico de Lisboa. «É um macaco que sabe ler», dizia um; «É um literato», comentava outro. O “Libération” noticiou o acontecimento. Em entrevista a João Céu e Silva (Diário de Notícias, 17 de Agosto de 2019), o autor revelou que a acção lhe custou o lugar para o qual tinha sido convidado na Universidade do Porto «porque houve alguém que disse que um tipo que se mete numa jaula no Jardim Zoológico, por razões curriculares, não pode celebrar um contrato para dar aulas». Resultado: 8 anos no desemprego.

A primeira edição do “Discurso sobre o filho-da-puta”, principal livro em prosa de Alberto Pimenta, sai logo a seguir ao escândalo zoológico. O autor refere-se-lhe nos seguintes termos: «É um livro que sai no fim do ano de 1977 mas estava pronto em Setembro, depois de ter regressado ao país. É um dos raros livros que escrevi em prosa, embora seja uma prosa poética pelas repetições estilísticas. Eu estava regressado a Portugal após ter passado 17 anos na Alemanha, um regresso com bastantes peripécias porque fui o que se chamava na altura refractário — não fui fazer o serviço militar —, e isso acarretou-me variadíssimos problemas, inclusive o terem-me negado prorrogar o passaporte.» E acrescenta: «O Discurso vendeu bastante e foi traduzido em três línguas. É prosa, claro, e com um título de que muita gente diz, depois de ler, “porra, não era isto que eu esperava, não era nada disto”, porque tem um rodar em volta de uma ética e não é nenhuma exclamação de violência que resolva.»

O “Discurso Sobre o Filho-da-Puta” é hoje um dos livros mais apreciados em Portugal, com sucessivas reedições, e tem sido objecto de várias traduções e publicações no estrangeiro. Logo no ano seguinte à primeira edição, encontramos Alberto Pimenta a fazer para a RTP o programa “A Arte de Ser Português”. No Parlamento foi discutido o “eventual carácter ofensivo” da série. Ainda para televisão, além de colaborações avulsas, o autor do relevante ensaio “O Silêncio dos Poetas” fez “Seis Árias para Cesário” e participou como comentador no programa da SIC “Noite da Má Língua”.

Ao longo das últimas décadas, o labor criativo de Alberto Pimenta foi-se dividindo por obras visuais, livros de poesia, intervenções artísticas de diversa ordem, ensaios, ficções e antologias, num mapa complexo de actividades que pode ser consultado nas páginas finais da reunião da sua obra poética, à qual deu o título “Obra Quase Incompleta” (Fenda, Maio de 1990). Na realidade, são variadíssimos os volumes subsequentes a esta primeira tentativa de reunião. Não sendo este o lugar para um inventário exaustivo dos mesmos, cabe sublinhar que, na “História da Literatura Portuguesa”, Pimenta surge referenciado como um dos mais originais e extravagantes poetas que se revelaram nos anos de 1970, de acentuada agressividade iconoclasta, repto eficaz a todas as convenções de seriedade comunicativa, recorrendo a efeitos de absurdez narrativa ou retórica e de dessacralização radical.

Voluntariamente independente de movimentos, grupos, caciques, a sua obra é um exemplo de subversão satírica dos valores e de desconstrução da retórica oficial.

EDIÇÕES DO “DISCURSO SOBRE O FILHO-DA-PUTA”

- 1977 – “Discurso sobre o filho-da-puta” (Lisboa: Teorema)
- 1979 – 2.^a edição, anotada por Telles Capêlo (Lisboa: A Regra do Jogo)
- 1980 – “Discurso sul figliodiputtana” (Milão: All'Insegna del Pesce)
- 1981 – 3.^a edição, ampliada (Lisboa: A Regra do Jogo)
- 1982 – “Discurso sobre o filho da puta” (Rio de Janeiro: Codecri)
- 1987 – 4.^a edição, com comentários de Capêlo Filho (Coimbra: Centelha)
- 1990 – “Discurso sobre el hijo-de-puta” (Valencia: trad. Víctor Orega)
- 1990 – “Discurso sobre el hijo-de-puta” (Catalunha: trad. Amós Belinchón)
- 1991 – 5.^a edição, com novas circunstâncias e doutrinas gerais e úteis para o seu melhor conhecimento (Lisboa: Fenda)
- 1996 – “Adresse aux fils de pute” (Paris: L'insomniaque)
- 2000 – “Discurso sobre o filho-de-deus, ao qual se segue o Discurso sobre o filho-da-puta” (Lisboa: Teorema)
- 2010 – 6.^a edição (Porto: 7 Nós)



DISCURSO SOBRE O FILHO-DA-PUTA PELO TEATRO DA RAINHA

Pegar no “Discurso sobre o filho-da-puta” para dele fazer um objecto cénico não é tão improvável como possa parecer, nem tem nada de vanguardismos estéreis. O texto possui qualidades rítmicas, sendo uma contrafacção em tom cómico sério do nosso mundo oficial, institucional, em particular dos universos escolar e eclesial. Sério cómico revela um orador — é um discurso que segue as regras da retórica para ludicamente as implodir — por detrás, um astucioso autor, alguém que entre o rigor gramatical e o desejo de fustigar o preconceito corre atrás do prazer de jogar as palavras a partir do seu sentido dúplice, ambivalente, polissémico, musical, seguindo consonâncias e estruturando fragmentos textuais associados por blocos de sentido que vão derivando por associação, tanto puramente literal, ortográfica, como poética, brincando à retórica filosófica, cientista, glosando e gozando a figura do tratado de sapiência, por vezes de modo burlesco, por vezes num excesso de fidelidade mimética — o que fazendo cair no ridículo além de matar traz o riso.

O ruído verbal que emana da simulada consistência discursiva, assente na repetição, assim como a circularidade tautológica que variando reafirma o já afirmado, mostram como o “raciocínio” do discursista tem aquele fulgor de alcançar horizontes no momento em que morde a cauda — tal como faz o FDP que vive para ocupar os lugares que ocupando lhe possibilitam chegar ao topo, ao mando, ao comando, repetindo técnicas e modos de trair.

O mundo convocado é o das solenidades institucionais, o do oficialismo, de que de alguma maneira parecia termos saído no 25 de Abril, com todos os aspectos aparentes de fachada bem realizada de fresco para esconder todas as hipocrisias e podres que por detrás habitavam, pois era nesse ambiente malsão e bolorento que as características favoráveis ao desenvolvimento do vírus da filha da putice e das pessoas dos filhos da puta, se encontravam e progrediam: a delação e a figura do pide informador, muito disseminada e qua ainda aí anda em muitos comportamentos reais, os caminhos do arrivismo e as técnicas de sacanear o parceiro, a traição dos ideais que se diziam defender, a ortodoxia burra, o complot, a manobra obscura, a capacidade de insinuação, o jeito particular para oportunamente mentir, o faz que faz e o faz que não faz para tudo ficar na mesma e parecer o contrário, a roupa apropriada na circunstância, o nepotismo, saber subir, saber ser lacaio para vir a ser chefe, saber torturar, saber manipular e sobretudo amar a pátria ao ponto de usar gravata verde

rubra e ser cidadão cumpridor amante de cerimoniais de fausto e vazios de sentido vital — o FDP é um comemorativista, um amante das datas que celebram mortes, um militante da acumulação de regressos evocadores do passado egrégio como peso, inércia dramática e Kitch, ele grita em surdina para si mesmo “viva a morte”, como o general de Franco, pois cultua as abstracções herói-maníacas, a megalomania e a grandiloquência, sendo admirador da tortura e do castigo, da sevícia. Sim, nele, tudo tem que ver com a morte, como refere Pimenta, com celebrar a morte, mas também com flores de plástico.

O FDP é avarento, como o de Molière, poupado, cobiça a mulher e o marido dos próximos, não está longe da figura de Tartufo — um fdp eminente — nem da do manobrador lago, nem da figura abundante do religioso pedófilo, nem do cinzentismo salazarento do funcionário cumpridor que nada faz e tudo cumpre, nem do novo-rico trauliteiro da política, cujo conservadorismo fascizante, sendo praticante das fake news é, de algum modo, bem-sucedido no “nosso meio” de forma a que, percentualmente — é assim que se medem os valores — é uma existência real, um vírus legal e visível, em acção, numa democracia que, tendo gerado a aberração e seu direito de antena, só pode estar doente, doente de costumes e saudade do fedor sacristão e policial dos tempos da velha senhora.

Fazer o FDP do Alberto Pimenta, em 2020, é, por paradoxal que pareça, um acto de iconoclastia necessário — seria altura para estarmos longe das águas paradas que o inspiraram. Fazê-lo na perspectiva que ilumina esta concretização cénica, segundo a abordagem que tentamos levar para a frente, cénico-musical e cómica séria, rítmica e coral — o orador é um coro a quatro vozes, convertendo-se a oração de sapiência num comentário amplo e politizado, coro igual a delegação da cidade — é, além do mais, plantar um antídoto difícil de definir e de classificar — é nessa medida que é uma experimentação — em pleno conservadorismo prá frentista tecno-informático, esse que marca o ambiente nacional e nos impede, de facto, de ser um país com outro amor das liberdades, um amor culto na diversidade do que qualifica a cultura como pontos de vista, informado, laico, republicano e emancipado.

Esta peça textual - um sermão burlesco contemporâneo - é um grito gramaticalmente impecável, rigoroso de sentidos e forma, pela liberdade livre e contra o preconceito e o amiguismo hipócrita e nepótico que continua a constituir os modos da nossa sociabilidade, muito atravessados de ambições de poder e poderes de facto.

A palavra é SUBIR na vidinha e para isso sempre que necessário “dar à anca”, como escreveu o Mário-Henrique Leiria.

CONDIÇÕES TÉCNICAS | LOGÍSTICAS | FINANCEIRAS

TÉCNICAS

Espaço – 6 m de largura x 5 profundidade x 4 altura

Tempo de montagem – 1 dias e meio

Tempo de desmontagem – 4h

Estrados rosco ou similares – 9 (com a possibilidade de fazer 3 alturas – 20, 40, 60) – caso não possam podemos transportar os nossos em camioneta de 3500kg de aluguer.

Equipamento de Luz

Pc – 650w – 8

Pc – 1000w – 11

Recorte – 650w – 7

Fresnel – 650 w – 12

Par 64 – 6

8 canais de Dimmer.

LOGÍSTICA

Refeições - dias de montagem e espectáculo para 8 pessoas;

Alojamento – dias de montagem e espectáculo – 2 duplos e 4 singles

FINANCEIRAS

Cachet – 1500 euros Isentos de IVA, ao abrigo do artigo 9º (inclui o transporte de parte da cenografia e equipas técnicas e artísticas)

Contacto

Ana Pereira

anapereira@teatrodarainha.pt

telemóvel: 96 5539198

www.teatrodarainha.pt